

▲ *Films T*

Maria João Mayer
& François d'Artemare

apresentam

 **GIORNATE
AUTORI**
VENICE DAYS

beatriz batarða

a costa dos murmúrios

um filme de **Margarida Cardoso**

filipe duarte | mónica calle | adriano luz | luís sarmento

▲ *Films T*

Av. da Liberdade, 85 – 3º 1250-140 Lisboa T. +351 213 234 400 / 401 F. +351 213 471 087

filmesdotejo@filmesdotejo.pt www.filmesdotejo.pt

Maria João Mayer +351 919 365 759 & François d'Artemare +351 919 996 494

Índice



- 2 O filme
- 3 Sinopse
- 4 Entrevista com a realizadora
- 8 O filme visto por Lidia Jorge
- 9 CV da realizadora
- 10 CV do produtor

O Filme



“A Costa dos Murmúrios” é a primeira longa-metragem de ficção de Margarida Cardoso, 41 anos, uma realizadora que nos últimos anos se afirmou como um dos nomes mais consistentes do documentário português. “Natal 71” e “Kuxa Kanema”, os seus dois títulos mais conhecidos, debruçavam-se já sobre Moçambique, o primeiro abordando a guerra colonial e o segundo o nascimento do cinema após a independência daquele país africano.

Com “A Costa dos Murmúrios”, Margarida Cardoso regressa a Moçambique, ao tempo e lugar que conheceu na sua infância, instalando a sua ficção nos derradeiros anos de uma guerra colonial longa e desastrosa na qual Portugal se atolou, obstinado em salvar um império que a época assegurava já impossível. Narrado por uma jovem mulher que chega a África para casar com um militar, é uma história poderosa que, a partir da guerra, reflecte sobretudo sobre o eco que ela irradia, uma violência que contamina afinal tudo e todos em seu redor.

“A Costa dos Murmúrios” adapta para o cinema o livro mais célebre de Lídia Jorge, uma das mais conhecidas escritoras portuguesas contemporâneas. O romance, publicado em 1988 em Portugal, vendeu mais de 50.000 exemplares em menos de um ano e está traduzido em sete línguas. Tal como o livro, o filme revisita um momento da História que Portugal guarda ainda de forma complexa, silenciosa e dolorosa. Porém, opta por um ponto de vista íntimo e original, capaz de resgatar para o presente a sua dimensão universal.

Sinopse



“Sim, é verdade, nesse tempo chamavam-me assim (...) Nesse tempo Evita era eu (...)”
”Evita recorda e corrige uma história que já lhe pertenceu.”

No final dos anos 60, Evita chega a Moçambique para casar com Luís, um estudante de matemática que ali cumpre o serviço militar. Evita rapidamente se apercebe que Luís já não é o mesmo e que, perturbado pela guerra, se transformou num triste imitador do seu capitão, Forza Leal.

Os homens partem para uma grande operação militar no norte. Evita fica sozinha e, no desespero de tentar compreender o que modificou Luís, procura a companhia de Helena, a mulher de Forza Leal. Submissa e humilhada, Helena é prisioneira na sua casa onde cumpre uma promessa. É ela quem revela o lado negro de Luís e tenta atrair Evita para uma relação ambígua de destruição e morte.

Perdida num mundo que não é o seu, Evita cai numa teia de violência mesquinha, sem glória e sem honra. A violência de um tempo colonial à beira do fim.

Um tempo de guerra, de perda e de culpa.

Entrevista com a realizadora



Quando nasceu a vontade de fazer este filme?

Li o romance da Lídia Jorge, “A Costa dos Murmúrios”, no início dos anos 90 quando ainda não pensava em realizar. O livro tocou-me por razões muito pessoais: tudo se passava em sítios que eu conhecia, num ambiente em que eu vivera, o dos militares portugueses em África e das suas famílias, durante a guerra colonial. Vivi em Moçambique entre 1965 e 1975, dos 2 aos 12 anos, em Lourenço Marques [hoje Maputo] e depois na Beira já que o meu pai era militar, da Força Aérea.

Só voltei a Moçambique em 96 e sofri um choque ao deparar com uma sociedade destruída e tão difícil de compreender, com um povo desfeito, sem dignidade nenhuma, uma dignidade que lhe tinha sido tirada, roubada... A minha história pessoal está para sempre ligada àquela terra, que foi afinal o local da minha infância, e penso que, por isso, é difícil não querer, com toda a força, responder à pergunta “o que foi que correu tão mal neste tudo?”. Correu mal para todos, para os africanos, para os portugueses, para todos os que sofreram com o absurdo que foi o colonialismo. Este “absurdo” marcou muitas pessoas da minha idade e fez com que muitos de nós ficássemos para sempre sem pertencer realmente a lugar nenhum. O meu percurso mais íntimo está relacionado com factos

históricos, com a guerra colonial, com a revolução de 1974 em Portugal, com o regresso de África, acontecimentos que marcaram e mudaram muitas vidas. Ainda hoje há coisas que me fazem chorar imenso, sem que saber porquê, como ver pessoas a fugir, imagens de refugiados, gente a ter que sair das suas terras. Deixam-me desfeita. Acho que isso tem a ver com esse período, com uma perda que não é só emocional, é geográfica também. Em Moçambique, ainda por cima, a mudança foi dramática. Queres visitar o sítio onde colocaste fisicamente as tuas memórias mas nunca o encontras... Parece que alguma coisa da tua vida ficou para sempre escondida, nas pregas da História, e isso é um pouco angustiante. Acho que foi esta necessidade de procura, que já está presente nos meus documentários anteriores, que me fez adaptar “A Costa dos Murmúrios”. Percebi que aquilo que queria procurar estava ali, naquele tempo e naquele lugar.

Em que medida é que a “Costa dos Murmúrios”, que não é uma história tua, é uma história autobiográfica para ti?

No fundo é, mas só no sentido em são as minhas experiências pessoais, as minhas emoções e recordações – muito mais que uma lealdade cega à adaptação do livro –, que me serviram de referência para o filme. Por exemplo, agora quando vejo filme parece-me

claro ser mais um filme sobre a violência do que sobre a guerra. Porque senti a guerra, e ainda a sinto, como uma espécie de violência em ricochete, uma violência em eco... O que chegava ao mundo a que eu pertencia, que era o mundo das mulheres e das crianças, era uma violência quase “doméstica”, vinda neste caso dos homens que tinham estado na guerra e que, ao voltar, exerciam essa violência sobre tudo o que os rodeava, de uma forma inconsciente. A violência sobre as mulheres era muito comum, por exemplo. Era estava sempre latente, sentia-se imenso e era algo muito ofensivo. Outro exemplo da utilização de referências pessoais está no facto de o filme ser tão fechado, tão interior. De facto, sempre vivi mais nas cidades, muitas vezes apenas com a minha mãe e a minha irmã e, sozinhas, não íamos propriamente passear para a savana... Fora as praias, que eram na altura o local exterior de eleição para os passeios das famílias, o resto parecia-me tudo muito interior, fechado, escuro. Era tudo muito opressivo, pois também nessa altura começaram a morrer muitos militares e, no hotel onde vivíamos, havia sempre um ambiente de morte. Lembro-me das jovens viúvas a chorarem nos quartos escuros, consoladas por outras mulheres e observadas por grupos de crianças incrédulas...

Os povos parecem ter formas diferentes de reagir aos períodos traumáticos da sua história. Os americanos, em relação ao Vietname, exploraram desde o início esse tema cinematograficamente, como uma psicanálise pública, um exorcismo nacional. Ao contrário, em Portugal, a guerra colonial sempre foi um tema escondido, abafado, ignorado pelo cinema. Só muito recentemente esse período histórico e a relação com as ex-colónias voltou aos ecrãs, quase sempre tratado por uma geração mais nova, que consegue olhar para isso de outra forma. Porquê?

Acho que isso não se passa apenas em Portugal, os franceses sofrem exactamente do mesmo problema... Os americanos são assim, são capazes de encenar os seus dramas com grande facilidade, são pragmáticos. Mas mesmo que alguns filmes sejam interessantes, capazes de dúvida e reflexão, a maioria não reflecte nada sobre nada, limitando-se a expor e representar a situação. Os americanos diferem de nós porque não sentem culpa. Nós sentimo-la realmente. Não só a culpa do colonialismo, também a culpa da incompreensão. Eu própria, que me sinto bem em África, sinto que historicamente se passou algo indelével, que não há como apagar. Isso reflecte-se na incompreensão daquela sociedade, dividida até hoje entre aqueles que vivem nas cidades com um determinado nível cultural e económico e fora delas toda uma gigantesca população cujo funcionamento social e cultural nos escapa.

Para falar de África é sempre preciso, primeiro, explicar África, o que é uma pena e muito redutor. Quando queremos falar de África, tratar determinados assuntos, temos que lidar sempre com a terrível culpa de não estar a fazer justiça a nada porque estamos a falar de uma coisa que não é verdadeiramente África mas aquilo que nós conseguimos perceber de África, que é muito pouco. A única maneira de lidar com isso é sacudir essa culpa e pensar que se falarmos de sentimentos e emoções universais, as nossas hipóteses de sermos injustos são mais reduzidas...

Em Portugal, não temos grande tradição de expressão dramática nem facilidade em nos representarmos a nós próprios, talvez pelas nossas características identitárias altamente confusas. Após a revolução, a reflexão sobre o que se tinha passado a nível colectivo era: “então foste para a guerra matar o nosso irmão negro, devias era ter fugido para França...” Ora, a maior parte das pessoas que tinham combatido em África vinham de meios muito pobres, nem dinheiro tinham

para comer e, provavelmente, nem sabiam para que lado era França... Esta interpretação histórica culpabilizante fez com que durante anos ninguém tenha conseguido falar sobre esse período histórico.

Agora, com o desenvolvimento cultural do país mas, principalmente, com o tempo que sara muitas feridas, começaram a surgir pessoas a falarem desse tempo, não tentando propriamente reconstituir as coisas de uma forma global ou encontrar uma verdade absoluta sobre coisas, mas através de reflexões mais íntimas e emotivas. E hoje começa-se a criar uma aceitação desse imaginário colectivo. É composto de várias pequenas coisas e cada uma delas é uma verdade.

Esta história da Evita que abre os olhos e descobre um noivo que afinal é outro naquele contexto, não só ele como o mundo também é outro – a cena em que Evita chora na cama num plano de pernas para o ar, metáfora de um mundo que também está de pernas para o ar – é um filme sobre a descoberta do quê?

É sobretudo um filme sobre a violência de uma perda. A perda da Evita é sobretudo uma perda identitária, não saber quem é, ali. O filme acabou por ser o percurso desta mulher que quer tentar perceber e vai cada vez mais e mais longe. Não se aproxima de dentro, ela vai sendo sobretudo influenciada por coisas que lhe são exteriores. E esse percurso acaba de uma forma que não é conclusiva, aliás não queria e não gosto desse tipo de resolução, num último movimento de libertação. Não se pode dizer que a morte do Luís, no final, seja conclusiva porque ele já estava morto antes. Quando ele morre, ela diz em off “... encontraram o corpo do Alferes Luís Galex...” que é a alcunha de guerra de Luís. Ele é, para ela, alguém que tinha desaparecido há muito tempo ou que nunca lá tinha estado, aliás.

Para mim, é a coisa mais humana e lógica que existe. Talvez não haja uma solução, as coisas vão passando e depois encontram-se outras, é só mais um percurso. Essencialmente, o que achei importante era a questão do regresso à história do personagem da Evita. Para mim, a Evita é sobretudo um olho. Ela fala pouco aliás, não é activa, assiste. Queria que ela fosse uma personagem intemporal, sem características que associamos às mulheres dos anos 60, como a submissão por exemplo, podendo ser qualquer uma de nós, hoje. É uma mistura do que foi e daquilo que é hoje, ao relembrar isso. Por isso é importante que ela não se relacione verdadeiramente com nada, nem com as mulheres do Stella Maris, nem com o jornalista que pertence a mundo que ela não conhece e que até a repugna um pouco, nem com o marido que também já está longe. O ser um personagem intemporal representa também o nunca sabermos se ela está lá ou não. Há sempre uma grande dúvida sobre os factos e sobre a sua própria capacidade de os reconstituir, muito tempo depois.

O livro contém dois relatos. O primeiro é um conto curto chamado “Os Gafanhotos” e a segunda parte é “A Costa dos Murmúrios”, na qual acabei por me concentrar. São muito diferentes. O primeiro tem um registo quase onírico, é uma visão da história muito misteriosa, e o outro é a sua explicação, num tom mais realista. É uma revisitação do primeiro livro, de um ponto de vista actual, de alguém que está a olhar para aqueles factos à distância, a ponto de já não se reconhecer a si própria. Quando comecei a construir a linha narrativa do filme, fui obrigada a fazer uma escolha já que o tom de um e outro eram incompatíveis, caso não fosse explícito existirem duas narrações diferentes. Assim, “Os Gafanhotos” ficaram apenas na voz off da personagem de Evita, que fala com um interlocutor invisível, que se crê ser o autor da história da qual ela era a protagonista.

A guerra, vista por esta perspectiva, é também uma demonstração de como não há guerras assépticas que se passam num determinado sítio, afinal invadindo tudo em redor, contaminando toda a gente?

Claro que contaminam tudo e todos e num raio temporal muito grande. A questão da guerra é estranha para mim, porque não a vejo senão ligada à questão humana. No fundo, o que me custa mais é a infalibilidade dessa característica humana. A guerra é sempre absurda. Nessa época, apesar de tudo eram conduzidas por ideologias, hoje cada vez mais os verdadeiros interesses se tornam difíceis de identificar. Mas a natureza mais profunda da guerra parece não se despegar de nós de maneira nenhuma.

O personagem da Helena é um negativo de Evita levado às últimas consequências?

Na realidade, eles são todos os mesmos personagens. Foi sempre a minha ideia, desde o início. Tanto Evita como o seu marido, o Luís, são figuras passivas. E há dois personagens activos, Helena e Forza Leal. Luís e Evita são afinal as suas sombras e é esta última, uma sombra, que nos leva através desse percurso. Se Evita não fosse pura e simplesmente a representação de qualquer coisa, seria igual a Helena. Como personagem, Helena é exagerada, com um dramatismo intrínseco, nem sabemos bem se estará um pouco louca... Mas quando Evita olha para Helena, vê-se a si própria, vê o que não quer ser. Helena tenta mostrar a Evita a evidência das suas similitudes, tenta colar-se a ela, arrastá-la para um local sinistro... Luís e Jaime Forza Leal são também a mesma pessoa. Forza Leal é o interior de Luís, e de Luís só resta uma espécie de corpo sem alma, um recipiente vazio.

A fotografia é belíssima: o filme começa absolutamente claro, etéreo, livre, no espaço aberto do terraço, e depois vai escurecendo, pesando, fechando-se até chegar àquele cubículo, lugar de morte.

Como foi o processo de trabalho, filmando em HD?

Tudo foi muito pensado e preparado, todo a evolução visual do filme, a nível de luz, dos décors, etc. Claro que numa pequena produção cheia de contingências económicas é difícil ser perfeito e manter essas premissas, mas acho que se conseguiu. A ideia foi sempre começar com um ambiente mais caloroso, mais claro, mais aberto ir parar a algo muito mais claustrofóbico.

Entre o escrever, montar a produção e o filmar, este filme demorou quatro anos. Tivemos três meses de preparação antes da rodagem e sete semanas de filmagens, das quais três em Moçambique. Grande parte da preparação foi passada a falar com a Ana Vaz, responsável pela direcção de arte, e com a Lisa Hagstrand, que fez a fotografia.

A opção do HD foi determinada exclusivamente pela vontade de me libertar das restrições de película. Nunca tinha filmado em HD e a Lisa também não, por isso foi uma aprendizagem para ambas. Durante os ensaios, eu fazia a câmara e a Lisa ia iluminando tendo como referência o monitor, pois o visor da câmara é a preto e branco e, na realidade, confesso que não vê grande coisa... Depois, na altura de filmar, trocávamos de posição. Eu ficava no monitor e ela operava a câmara.

No início, pensei que o filme terminaria com Evita, após reconhecer o cadáver do marido, caminhando pela praia. Mas era necessário que o filme acabasse fechado, daí a noite, os planos de janelas. Já acabei outros filmes assim, para mim as janelas são uma imagem muito simbólica: são coisas que se passam para lá de nós e que vemos assim... é uma sombra que passa, uma luz que se acende, outra que se apaga. Sabemos que existem "outros" mas a nossa capacidade de nos aproximarmos de qualquer coisa mais íntima é limitada. Porque, afinal, a verdadeira compreensão do outro é sempre impossível.



O filme visto por Lídia Jorge



A Margarida Cardoso fez um filme comovente nos dias que correm, em que o olhar está já desgastado com o vermelho do sangue. Poupa-nos à exibição da violência, retirando até alguma brutalidade que o livro, optando por transferi-la para os efeitos psicológicos. Numa altura em que o cinema está saturado de violência, o grande recado é que ela seja dada com subtileza, porque afinal tudo se passa no coração.

Livro e filme teriam sido certamente diferentes se assinados por alguém que tivesse feito a guerra, tivesse passado pela experiência da morte e da decepção, ficando assim definitivamente aniquilado para a subtileza. É preciso dizê-lo: a guerra colonial foi violenta, com aspectos sádicos até. A sua componente trágica é que a família desses soldados estava lá, para que tudo aparecesse de forma natural, como se não passasse de um “acaso de soberania”. Eram pessoas que não combatiam mas ouviam as histórias, a quem acontecia almoçar com um piloto e vê-lo chegar horas depois morto, dentro de um saco. E essa experiência permite um outro tipo de leitura dos acontecimentos. O que me une à Margarida Cardoso foi o termos sido poupadas à experiência concreta da guerra, é isso que nos permite a subtileza.

Entre os vários olhares do livro, a Margarida Cardoso escolheu um, o olhar de descoberta sobre a realidade da violência. O filme poderia chamar-se “A instrução de Eva”. Leva essa perspectiva a uma potência muito alta, fá-lo com uma extraordinária coerência, e mantém-se fiel ao espírito do livro pois, no fim de contas, o recado é o mesmo. Este é um filme sobre aquela guerra mas, capaz de saltar por cima do tempo, é afinal um filme sobre todas as guerras.

Excerto de entrevista com Lídia Jorge, autora do romance “A Costa dos Murmúrios”

Curriculo da realizadora

Margarida Cardoso, 1963, Portugal.

2003 Kuxa-Kanema (Mozambique journal d'une independance)

(documentário) ICAM. Co-Prod. RTP / Filmes do Tejo (Portugal) / Lapsus + ARTE (França) / RTBF (Bélgica)

2001 Com Quase Nada

(documentário), Co-real. com Carlos Barroco, ICAM. Co-Prod. RTP

2000 Natal 71

(documentário) ICAM/ Co-Prod. RTP / Filmes do Tejo (Portugal) / RTBF (Bélgica) / Lapsus (França) / Mezzo Images Plus

1999 Entre Nós

(curta metragem ficção) ICAM. Co-Prod. RTP

Melhor Filme – Léopards de Demain – 52º Fest. Int. del Film Locarno 99

1997 A Terra Vista das Nuvens

(documentário / documentary) Prod. RTP

1996 Dois Dragões

(curta metragem ficção / short fiction) ICAM. Co-Prod. RTP

Curriculo do produtor

LONGAS METRAGENS

“No País do Sol Poente” de Fred Kelemen

Apoio ICAM. Co-prod. Mediopolis Berlin/ WDR -Alemanha
Estreia Cinemateca -Novembro 1999
Seleccção Oficial Veneza 1999
Fantasporto - Competição 2000, etc
Prémio Melhor Filme – Festival Gijon 99
Festival Internacional de Salónica - Prémio FIPRESCI 99

“Aparelho Voador a Baixa Altitude” de Solveig Nordlund

adaptação do romance de J.G. Ballard
Apoio ICAM/ Programa MEDIA Co-Produção RTP/ Torromfilm - Suécia
Estreia CULTURGEST Maio 2002
Cairo International Film Festival - competição Outubro 2002
Fest. Int. Singapura 2003 – Em Competição
The Flying Broom 2003 – Ankara – Turquia
Festival Caminhos do Cinema Português 2003 – Menção Honrosa

“Daqui p'rá Alegria” de Jeanne Waltz

Apoio ICAM. Co-Prod. RTP
Distribuição: Filmes do Tejo (Estreia 8 Abril 2004)
Festival International du Cinéma Méditerranéen de Montpellier
Festival Internacional do Filme de Mannheim – Heidelberg
Festival Entre Vues de Belfort – competição internacional
FESTANGRA - Festival Internacional de Angra do Heroísmo
Les Journées de Soleure - Suíça

“Sem Ela” de Anna da Palma

Apoio ICAM. Co-Produção RTP/ Les Films de L'Aprés-Midi (França)
Distribuição: Costa do Castelo (Estreia Nacional 9 Setembro de 2004)
Festival du Film de Paris – Secção “Cinemas d'aujourd'hui”
Festival de Troyes - France
Festival “Onzebouge” - Paris

“A Costa dos Murmúrios” de Margarida Cardoso

Adaptação do romance homónimo de Lidia Jorge
Apoio ICAM. Co-Prod. RTP / ZDF (Alemanha)
Distribuição: Filmes do Tejo (Estreia Nacional a 25 Novembro de 2004)
Seleccionado para Festival Internacional de Veneza – Venice Days

“Má Morte” de Inês de Medeiros

Apoio ICAM à Escrita de Argumento
(em desenvolvimento)

“O Velho Carro de Vítor Losa” de Jorge Queiroga

Apoio Financeiro ICAM e RTP
(em preparação)

“Borboletas” de José Sacramento

(em desenvolvimento)

“O Peso da Terra” de Cláudia Tomaz

(em desenvolvimento)

“Olho Negro” de Paolo Marino Blanco

(em desenvolvimento)

“Águas Mil” de Ivo Ferreira

(em desenvolvimento)

“Frágil” de Paulo Belém

Curriculum do produtor

CURTAS METRAGENS

“Senhor Jerónimo” de Inês de Medeiros

Apoio ICAM - Canal Plus – BBDO. Co-prod. RTP

Vila do Conde 98: Prémio Melhor Filme – Competição Nacional

Festival de Brest - Prémio Canal Plus

Menção Honrosa - Festival de Cinema Belle Donne - Itália

Tatu de Ouro - Jornada Internacional de Cinema da Bahia 99

Nomeado para European Film Awards 1999

“Um Dia na Vida” de Álvaro Zúñiga

Apoio ICAM, Inst. Franco Portugais. Co-Produção RTP

Festival Internacional de Curtas Metragens do Chile

“A Menina dos Meus Olhos” de Isabel Rosa

Apoio ICAM. Co-Produção RTP

Estreia Festival Int. de Curtas-Metragens de Vila do Conde 2001

Festival Internacional de Curtas-Metragens de Clermont-Ferrand

Festival Internacional des Films de Femmes –Créteil 2002- em competição

“O Décimo Punhal” de Vitor Moreira

Apoio ICAM. Co-Produção RTP

Estreia Festival Int. de Curtas-Metragens de Vila do Conde 2001

16º Festival du Film Court de Brest,

FANTASPORTO 2002 – em competição

Festival do Filme Fantástico de Amsterdão 2003 – Em competição “European Short Films”

Prize of Youth – X Larissa Short-Film Festival (Grécia)

Melhor Curta Metragem – 4th Panorama of Independent Filmmakers (Grécia)

“Venus Velvet” de Jorge Cramez

Apoio ICAM. Co-Produção RTP

Estreia FANTASPORTO 2002 – competição

FICM Vila do Conde 2002- Melhor Realizador, Melhor Fotografia, Prémio Jameson

Festival de Stª Maria da Feira 2002 - Prémio do Público, Prémio Especial do Júri

Festival du Film Court de Brest (França) - competição Novembro 2002

“O Estratagema do Amor” de Ricardo Aibéo

Adaptação do conto “Augustine de Villeblanche” de SADE

Apoio ICAM. Co-Produção RTP

Festival Internacional de Vila do Conde – Melhor Actriz – Rita Durão – Julho 2004

“W” de Paulo Belém

Apoio ICAM e RTP.

Festival Internacional de Vila do Conde – em competição - Julho de 2004

Curriculum do produtor

DOCUMENTÁRIOS

“Lisbonne existe-t-elle?” de Yves de Peretti & Inês de Medeiros
Co-prod. Les Films d’Ici – França

“I Have a Dream” de Graça Castanheira
2 Exibições no canal de televisão SIC

“Outros Bairros” de I. Gonçalves, V. Pimentel, K. Liberdade
Apoio ICAM, RTP, Inst. Cooperação e Fund. Calouste Gulbenkian
Estreia “Docs in Barcelona” - EDN 1999, Exibição CULTURGEST - Outubro 99
Menção Honrosa nos 10º Encontros Amascultura 1999
Festival Caminhos do Cinema Português 2000 - Melhor Documentário (Prémio do Público)
Prémio Melhor Documentário Tema Social - Prémio Europeo Massimo Troisi 2000

“Natal 71” de Margarida Cardoso
Apoio ICAM. Co-Prod. RTP/ RTBF (Bélgica) / Périscope Prod./ Lapsus (França) / Mezzo Images Plus
Estreia Cinemateca Junho 2000
XI Encontros Int. Cinema Doc. Amascultura - Melhor Documentário Português
Competição FIPA 2001
Docs Bardonechia - representação Portugal
Participação em vários festivais: Prix Europa- Berlin, Febiofest (Praga), etc.

“Dois Mundos” de Graça Castanheira
Apoio ICAM. Co-Produção RTP
Exibição na Cinemateca Junho 2000
Docs Barcelona 2000 - representação Portugal

“O Fato Completo ou À Procura de Alberto” de Inês de Medeiros
Apoio ICAM. Co-Produção RTP/ Les Films de L’Après-Midi – França
Seleção Oficial La Biennale di Venezia 2001 – secção Novos Territórios
Festival Odisseia das Imagens Porto 2001, Festival du Film de Belfort
International Roma Film Festival, Cinéma du Réel 2002 - competição
Estreia em Portugal e em Paris - Cinema Le Latina
The Flying Broom 2003 – Ankara – Turquia
Festival de Jeonju Ju / Coreia 2003 – Competição “Documentary Bienalle”
DOCS LISBOA – Prémio Cineclubes & Prémio Cartão Jovem
1º Festival Int. Angra do Heroísmo (Competição Nacional)- Prémio Melhor Realização & Melhor Filme

“Fleurette” de Sérgio Tréfaut
Apoio ICAM. Co-Produção RTP
DOCS Lisboa 2002: Prémio Melhor Montagem
IDFA (Amsterdão) – competição Joris Ivens 2002
SILVERDOCS – Competição World View 2003
Rencontres Internationales du Documentaire de Montréal
Les Écrans Documentaires – em competição
Tempo Documentary Festival – Estocolmo
Documentary Fortnight – Museum of Modern Art – New York
Centre Culturel Calouste Gulbenkian de Paris
Festival Les Écrans Documentaires de Gentilly - Grande Prémio

“Outubro” de Graça Castanheira
Estreia: Lisboa - Grande Auditório da CULTURGEST / Belgrado - Cinema REX
Prod. Filmes do Tejo/ Les Films de l’Après-Midi (França)
Apresentação Sunny Side of the Doc (mercado int.documentário) – Marselha 2001
Prémio RTP & Menção Honrosa: XII Encontros Int. de Cinema Documental da Amascultura

“Jorge Martins” de Sérgio Tréfaut
Prod. CULTURGEST. Co-Produção RTP

Curriculum do produtor

DOCUMENTÁRIOS

“**Kuxa Kanema**” de Margarida Cardoso
Apoio ICAM. Co-Prod. RTP(Portugal)/ Lapsus + ARTE(França)/ Dérives + RTBF (Bélgica)
Apresentação Cinemateca Março 2003
It's All True 2003 – O Estado das Coisas
FID – Marselha 2003 – Competição Internacional
Festival Caminhos do Cinema Português 2003 – Prémio Melhor Documentário de Televisão
États Généraux du Film Documentaire 2003 – Ces Films qui nous Regardent
Festival International du Film d'Amiens
DOCS Barcelona
Rencontres Internationales du Documentaire de Montréal

“**A Favor da Claridade**” de Teresa Villaverde
Apoio ICAM/ IA, Fundação Gulbenkian, FLAD. Co-Prod. RTP
Estreia 21 Janeiro nos Cinemas King, exibido na Fundação de Serralves

“**Cold Wa(te)r**” de Teresa Villaverde
inscrito no projecto “Visions of Europe”,
uma iniciativa da produtora dinamarquesa Zentropa,
a partir de uma ideia original Arte/ZDF
apoio ICAM, RTP e Culturgest
apresentado na Culturgest a 1 de Maio 2004

“**O atelier de Nuno Teotónio Pereira**” de Catarina Portas e Joana da Cunha Ferreira
Apoio financeiro Ordem dos Arquitectos

“**Malmequer, Bem-me-quer**” de Catarina Mourão
Apoio ICAM. Co-Prod. RTP(Portugal)/ Agat Films + ARTE(França)

“**Brava Dança**” de Jorge Pires e José Pinheiro
Apoio ICAM à Pesquisa e Desenvolvimento e à Produção
Co-Prod. Les Films de l'après-midi (França)
(em desenvolvimento)

“**Malagueta, cravo e canela**” de Catarina Portas e Inês Gonçalves
Apoio ICAM à Pesquisa e Desenvolvimento e RTP, Fundação Oriente
(em desenvolvimento)

“**O Vice-Rei**” de Joana Cunha Ferreira
Apoio ICAM à Pesquisa e Desenvolvimento e à Produção e RTP
(em desenvolvimento)

“**Novos operários**” de Inês de Medeiros e Inês Gonçalves
apresentação no LisbonDocs 2004
(em desenvolvimento)

“**Angola - Histórias de beijos**” de Kiluanje Liberdade
apresentação no DocAfrica2004
(em desenvolvimento)

“**Viúvas**” de Margarida Cardoso
(em desenvolvimento)